

..... **Artigo**

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2023i32e63965>

**A PERCEPÇÃO DE CONSCIÊNCIA DE CLASSE DE EMPREENDEDORAS
PRETAS E PARDAS NA PERIFERIA DE SÃO PAULO**

Maria de Lourdes Leitão de Almeida¹

Prof. Dr. Caio Flavio Stettiner²

Prof. Me. Valéria Rufino Maiellaro³

RESUMO

Na última década, as pesquisas sobre o tema empreendedorismo feminino tem aumentado substancialmente. A partir deste interesse acadêmico, buscou-se efetuar uma investigação a respeito da percepção de empreendedorismo das mulheres periféricas da cidade de São Paulo, por meio de uma segmentação racial e demográfica de suas relações com o empreendedorismo. Usando técnicas de coleta de dados com entrevistas em profundidade com questionário semiestruturado, e amostragem por meio da técnica *snowball* e análise de conteúdo, foi observado que muitas vezes a vivência diária de uma empreendedora preta ou parda difere do empreendedorismo que é propagado em livros e auditórios. A amostra foi constituída de 24 mulheres, pretas ou pardas, com idade entre 19 e 76 anos, moradoras das periferias das zonas Leste, Norte e Sul da capital paulista. Os resultados da pesquisa levam à conclusão da necessidade de promoção e fomento em investimentos e incentivos nas regiões periféricas, bem como reconhecer e valorizar a capacidade destas mulheres em criar negócios, gerar renda, e promover a mudança e o crescimento de suas comunidades. Obstáculos como falta de infraestrutura, desinteresse de governos em investimento em saúde e educação, insegurança alimentar, gravidez precoce, maternidade solo, responsabilidade como a única ou principal fonte financeira

¹Estudante do 8º semestre do curso de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos, na Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo - FATEC ZL, maria.almeida15@fatec.sp.gov.br

²Profissional de Comércio Exterior e Logística, com mais de 20 anos de experiência. Graduado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas - SP (1991), e Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela Univid - SP (2010). Mestre em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo; Doutor em Administração pelo Centro Universitário Campo Limpo Paulista-UNIFACCAMP. Professor e Coordenador no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - Fatec Sebrae e FATEC ZL, caio.stettiner@fatec.sp.gov.br

³Mestre em administração pela Universidade Campo Limpo Paulista (2019), especialização em Gestão de Pessoas pela Universidade Nove de Julho (2014) e graduação em Administração de Empresas pela Universidade Cruzeiro do Sul (1997). Professora do Centro Paula Souza, atuando nas disciplinas de Comportamento Organizacional, Administração Geral, Planejamento e Gestão Estratégica, Empreendedorismo e Inovação, Fundamentos de Marketing e Gestão de Equipes na Fatec Zona Leste nos cursos de tecnologia em Logística, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Gestão Empresarial e Gestão de Recursos Humanos. Nessa mesma instituição é coordenadora do curso de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos, sendo a responsável pela implantação do curso na instituição, valeria.maiellaro01@fatec.sp.gov.br

..... Artigo

no sustento de suas famílias, faltas de opções de lazer, sentimentos de solidão e isolamento, somam-se aos problemas normalmente encontrados por quem busca começar um empreendimento. Também foi observado que muitas dessas mulheres não se reconhecem como "empreendedoras", e sim como alguém que iniciou uma alternativa de geração de renda por necessidades primárias básicas: comida para seus dependentes e para si, abrigo, roupas. Um ponto de unanimidade encontrado em nosso grupo de estudo foi a vontade de transformar sua realidade e sua comunidade, trabalhando e contratando pessoas que nela vivem. Todas as mulheres entrevistadas declararam que priorizam dar oportunidades a outras mães ou mulheres com perfil semelhante ao seu. Este trabalho visa destacar o trabalho dessas mulheres, e partindo de seus próprios pontos de vista, e detalhar as diferenças entre o "empreendedorismo de auditório" e os chamados *self-made man* e a realidade da luta pelo básico para sobrevivência enfrentada por essas mulheres no seu cotidiano

Palavras-chave: Empreendedorismo; Empreendedorismo Feminino; Percepção: Mulheres Pretas; Mulheres Periféricas.

ABSTRACT

In the last decade, research on the subject of female entrepreneurship has increased substantially. Based on this academic interest, we sought to investigate the perception of entrepreneurship among peripheral women in the city of São Paulo, through a racial and demographic segmentation of their relations with entrepreneurship. Using data collection techniques with in-depth interviews with a semi-structured questionnaire, and sampling by means of the snowball technique and content analysis, it was observed that many times the daily experience of a black or brown female entrepreneur differs from the entrepreneurship that is propagated in books and auditoriums. The sample was made up of 24 women, black or mixed race, aged between 19 and 76, residents of the outskirts of the East, North and South zones of São Paulo. Obstacles such as lack of infrastructure, lack of government interest in investing in health and education, food insecurity, early pregnancy, solo motherhood, responsibility as the only or main financial source in the support of their families, lack of leisure options, feelings of loneliness and isolation, add to the problems usually encountered by those seeking to start an enterprise. It was also observed that many of these women do not recognize themselves as "entrepreneurs", but rather as someone who has started an alternative income generating enterprise out of basic primary needs: food for their dependents and for themselves, shelter, clothing. A point of unanimity found in our study group was the will to transform their reality and their community by working and hiring people who live there. All the women interviewed declared that they prioritize giving opportunities to other mothers or women with a profile similar to their own. This work aims to highlight the work of these women, and starting from their own points of view, and detail the differences between "auditorium entrepreneurship" and the so-called self-made man and the reality of the struggle for the basics for survival faced by these women in their daily lives. The results of the research lead to the conclusion that it is necessary to promote and foster investments and incentives in the peripheral regions, as well as recognize and value the ability of these women to create businesses, generate income, and promote change and growth in their communities.

Artigo

Keywords: entrepreneurship, female entrepreneurship, perception, black women, peripheral women

RESUMEN

En la última década, la investigación sobre el tema del espíritu empresarial femenino há aumentado considerablemente. A partir de este interés académico, se buscó investigar la percepción del emprendimiento entre las mujeres de la periferia de la ciudad de São Paulo, a través de una segmentación racial y demográfica de sus relaciones con el emprendimiento. Utilizando técnicas de recogida de datos con entrevistas en profundidad con un cuestionario semiestructurado, y un muestreo mediante la técnica de bola de nieve y el análisis de contenido, se observó que muchas veces la experiencia cotidiana de una empresaria negra a morena difiere del empresariado que se propaga en libros y auditorios. La muestra estaba formada por 24 mujeres, negras o mestizas, con edades comprendidas entre los 19 y los 76 años, residentes en la periferia de las zonas Este, Norte y Sur de la capital paulista. Obstáculos como la falta de infraestructuras, la falta de interés del gobierno en invertir en salud y educación, la inseguridad alimentaria, el embarazo precoz, la maternidad en solitario, la responsabilidad como única o principal fuente de financiación en el mantenimiento de sus familias, la falta de opciones de ocio, el sentimiento de soledad y el aislamiento, se suman a los problemas que suelen encontrar quienes quieren emprender. También se observó que muchas de estas mujeres no se reconocen a sí mismas como "empresarias", sino más bien como alguien que inició una empresa generadora de ingresos alternativos a partir de las necesidades primarias básicas: alimentos para sus dependientes y para ellas mismas, vivienda, ropa. Un punto de unanimidad encontrado en nuestro grupo de estudio fue la voluntad de transformar su realidad y su comunidad trabajando y contratando a las personas que viven en ella. Todas las mujeres entrevistadas afirmaron que priorizan dar oportunidades a otras madres o mujeres con un perfil similar al suyo. Este trabajo pretende poner en valor el trabajo de estas mujeres, y partiendo de sus propios puntos de vista, detallar las diferencias entre el "empresariado de auditorio" y el llamado *self-made man* y la realidad de la lucha por lo básico para la supervivencia a la que se enfrentan estas mujeres en su día a día. Los resultados de la investigación llevan a la conclusión de la necesidad de promover y fomentar inversiones e incentivos en las regiones periféricas, así como de reconocer y valorar la capacidad de estas mujeres para crear empresas, generar ingresos y promover el cambio y el crecimiento en sus comunidades.

Palabras clave: espíritu empresarial, espíritu empresarial femenino, percepción, mujeres negras, mujeres de la periferia

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa compreender a concepção de empreendedorismo dessas mulheres, e partindo de seus próprios pontos de vista, e detalhar as diferenças entre o "empreendedorismo de auditório" e os chamados *self-made man* e a realidade da luta pelo básico para sobrevivência enfrentada por essas mulheres no seu cotidiano.

..... Artigo

Acompanhar *in loco* o papel que as mulheres pretas e pardas periféricas que hoje empreendem trabalham constroem seus negócios e transformam situações de miséria, insegurança alimentar, maternidade solo, preconceitos raciais, de gênero, social e geográfico em renda e às vezes confortos para suas famílias.

Empreendedorismo é o ato de empreender, ou seja, fazer algo novo e diferente dentro de um mercado, de uma empresa ou para a sociedade. No mundo dos negócios, o termo se refere à busca por novas oportunidades por meio da criatividade e da inovação (DORNELAS, 2001). Uma das formas mais comuns de empreendedorismo é a abertura de novas empresas, inicialmente de pequeno porte.

Por esse motivo, é comum que qualquer indivíduo que se arrisque a abrir seu próprio negócio seja chamado de empreendedor. No entanto, a definição formal de empreendedorismo pressupõe colocar em prática uma ideia nova, oferecendo um serviço ou produto inédito ou adotando uma nova maneira de fazer algo que já existe. Para ser um verdadeiro empreendedor, portanto, é preciso ser, de certa forma, pioneiro. (DOLABELLA, 2003).

Mas isso não é algo simples assim, e está de muitas formas ligado a privilégios de raça e gênero, principalmente. Segundo a entrevistada, uma mulher negra moradora de Rio das Pedras, Zona Leste de São Paulo “A”, para ela é muito difícil enxergar-se como uma empreendedora. Apesar de sua renda como designer de sobrancelhas contribuir com 30% da renda familiar, ela sente-se diminuída pois seu marido repete constantemente que “*Antes de ‘brincar de maquiagem’, ele quer a casa limpa, a comida pronta e o filho muito bem cuidado*”.

Assim, ela se sente impotente por não ser vista como uma empreendedora, apesar de ter investido cada centavo de suas economias, pegado dinheiro emprestado com a família e estudado muito para aprender seu ofício. Além de tudo, não tem autorização do marido para matricular o filho em uma creche.

A palavra "empreendedor" nasceu na era medieval francesa, quando foi chamado de "empreendedor" o indivíduo encarregado de usar os fatores de produção - o trabalho dos servos, os materiais e os recursos do senhor feudal ou do rei - e correr os riscos da construção de edifícios ou armamentos (DOLABELLA, 2003). As formas de empreendedorismo variaram ao longo da história, à medida que os processos de

..... Artigo

transformação econômica foram constituídos. Assim, no início da era industrial, o empresário era o fundador e proprietário de sua própria empresa, assumindo os riscos inerentes a qualquer negócio. (LÉVESQUE, 2004).

O empreendedor mostra-se essencial ao processo de desenvolvimento econômico, dando importância aos sistemas de valores da sociedade, onde mostra-se fundamental o comportamento individual dos seus integrantes (BAGGIO; BAGGIO, 2014).

Novas empresas apresentam a possibilidade de contribuir socialmente e economicamente, agregando valor para ambos (MACHADO et al., 2016). Nos últimos anos, o empreendedorismo social e o empreendedorismo feminino vêm crescentemente tornando-se objeto relevante de pesquisas. Esse é um fato tão importante, que a própria ONU em uma iniciativa liderada pela ONU Mulheres, compreendeu e reconheceu sua importância, criando em 19 de novembro de 2014 o Dia do Empreendedorismo Feminino. De acordo com o Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2015), dentre a porcentagem de empreendedores que iniciam seus negócios no Brasil, 49% das empresas são fundadas por mulheres.

Este número retrata a incrível evolução e a importância absoluta das mulheres enquanto empreendedoras, visto que, naquela época, já eram responsáveis por quase metade dos empreendimentos no país. Ao trazer esse olhar para o Brasil de hoje, nos deparamos com um outro cenário. Pegos de surpresa com a pandemia global de coronavírus, o brasileiro das classes mais pobres, principalmente das áreas periféricas do país, deu um novo sentido à palavra empreendedorismo.

Segundo documento oficial emitido em abril de 2020, um mês após a declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS) de que o mundo enfrentava uma nova pandemia, já havia uma previsão dos impactos para as mulheres, bem como a elaboração de políticas que poderiam ser adotadas para mitigá-los *“O ano de 2020, que marca o 25º aniversário da Plataforma de Pequim para Ação, era para ser um divisor de águas na igualdade de gênero. Em vez disso, com a pandemia de Covid-19, até os ganhos limitados conquistados nas últimas décadas estão sob o risco de retrocederem. Em todas as esferas, da saúde à economia, da segurança à seguridade social, os impactos da Covid-19 são exacerbados para meninas e mulheres simplesmente por seu sexo”* (OMS, 2020).

..... Artigo

Apesar desse cenário óbvio e previsível, são poucos os estudos voltados especificamente para gênero e epidemias, mas o que se observou até hoje é que as mulheres tendem, sim, a sofrer de forma desigual. “No Brasil, a gente já vive em uma sociedade opressora para as mulheres, e a pandemia fez isso crescer exponencialmente”, analisa a antropóloga Denise Pimenta, pesquisadora do Instituto René Rachou e do projeto Gender&Covid-19, um grupo que reúne estudiosos do mundo todo para investigar os impactos da pandemia nas mulheres. (Revista Galileu Digital,2022).

Uma postagem no site do projeto destaca que as brasileiras estão enfrentando diferentes desafios: dificuldades no cuidado com os filhos, pobreza, violência doméstica e distribuição ineficiente de contraceptivos são alguns deles (“Brazil today has become a global epicenter in the COVID-19 pandemic. Women in the country are facing many different struggles during the COVID-19 outbreak. These include difficulties with childcare, poverty, domestic violence, and inefficient distribution of contraceptives... - <https://www.genderandcovid-19.org/brazil/>) O grupo reúne estudiosos do mundo todo para analisar o impacto da pandemia na vida das mulheres.

Em 2020, segundo dados do governo federal, 55% das pessoas que receberam o auxílio emergencial eram mulheres, conforme dito em um debate virtual promovido pela Secretaria da Mulher da Câmara em março de 2021 sobre o impacto da pandemia sobre as mulheres e a importância do auxílio emergencial, a pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) Angélica Abreu explicou por que é fundamental que o auxílio emergencial continue sendo concedido e em valor maior para as famílias monoparentais chefiadas por mulheres “As mulheres são mais impactadas porque têm rendimentos menores em suas ocupações; porque possuem menos economia de reserva, como poupança e outros investimentos; estão desproporcionalmente presentes na economia informal; possuem menos acesso à proteção social; e também são a maioria das famílias monoparentais”. lembrou ainda que as mulheres têm maiores chances de serem sobrecarregadas com o trabalho doméstico e de cuidado não remunerado, sendo assim obrigadas a deixar o mercado de trabalho.

De acordo com relatório emitido sobre os resultados preliminares da pesquisa “Covid-19, risco, impacto e resposta de gênero”, desenvolvida no Brasil pela Fiocruz e instituições parceiras, evidenciam-se os problemas vivenciados pelas mulheres

..... Artigo

entrevistadas na pesquisa, suas formas de enfrentamento da situação, e suas percepções sobre a atuação do poder público em relação às medidas necessárias para diminuição do grave contexto que vivem. O cenário é ainda mais grave levando em conta as desigualdades raciais. Um levantamento do Instituto Polis feito na cidade de São Paulo revelou que mulheres com a pele preta morreram mais de Covid-19 do que as brancas: a cada 100 mil habitantes, foram 140 mortes de negras contra 85 de brancas.

Essas disparidades se acentuam nos diversos contextos em que a pandemia tem sido implacável para com o sexo feminino. O mercado de trabalho é um dos principais. Atividades informais, como serviços de faxina, estética e vendas ambulantes — desempenhadas majoritariamente por mulheres pretas, foram as mais impactadas pela pandemia, pois tiveram que ser interrompidas completamente, sem possibilidade de alternativas como o trabalho remoto. “As mulheres se viram de repente sem trabalho e sem renda”, pontua a economista Marilane Teixeira, doutora em desenvolvimento econômico pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pesquisadora na mesma instituição, no interior paulista.

No terceiro trimestre de 2020, a taxa de desocupação no país foi de 12,8% entre os homens e de 16,8% entre as mulheres, segundo a pesquisa Pnad Contínua, do IBGE. As pessoas que se identificam como pretas e pardas representam 19,1% e 16,5% dos respondentes, respectivamente; os brancos somam 11,8%. Um levantamento global feito pela consultoria McKinsey & Company aponta que o risco de demissão de mulheres em razão da pandemia é 1,8 vez maior que o dos homens. E isso considerando as que estão empregadas no setor formal, o que não é o caso da maioria das trabalhadoras em economias em desenvolvimento. O relatório da ONU estima que 70% delas estão na informalidade, com escassas proteções contra demissão ou auxílio à saúde e pouco acesso às políticas sociais.

“Desde os anos 1970, 1980, nós vínhamos observando um aumento na participação das mulheres no mercado de trabalho, alcançando uma taxa média de cerca de 55%, ainda inferior à taxa média masculina, de mais de 70%”, relata Teixeira. “Mas, a partir da crise de 2014, houve uma piora nessa participação, não só com aumento na taxa de desemprego, mas também na informalidade e subocupação.” (Marilene Teixeira, 2021)

..... Artigo

O crescimento da automação devido às tecnologias de informática, o *downsizing* das empresas, as megafusões a custos bilionários, a redução da intervenção do Estado, o enxugamento no setor público, levaram a um desemprego em massa e a reconfigurações da estrutura do emprego (KAUFMANN, 2002).

Assim, a imperativa necessidade de se manter incluídos num mercado de trabalho que tende cada vez mais a excluir aqueles que não correspondem ao novo perfil que o capitalismo exige faz surgir importantes dispositivos concretos de reação às formas capitalistas de desenvolvimento, como o cooperativismo e a geração de emprego e renda que tenta driblar a crise do mundo do trabalho.

C. K. Prahalad cunhou o termo "Fundo/Base da Pirâmide" (BoP) e foi um dos primeiros pesquisadores a perceber o potencial econômico existente na vasta população pobre que vive em mercados emergentes (Prahalad, 2005). Este propõe que empresas, governos e agências doadoras parem de pensar nos pobres como vítimas e, em vez disso, comecem a vê-los como empreendedores resilientes e criativos, bem como consumidores exigentes.

Ele propõe que há enormes benefícios para as empresas multinacionais que optam por atender a esses mercados de maneira que atendam às suas necessidades. Afinal, os pobres de hoje são a classe média de amanhã. Há também benefícios de redução da pobreza se as multinacionais trabalharem com organizações da sociedade civil e governos locais para criar modelos de negócios locais. (Prahalad, 2005). Podemos então dizer que o empreendedor é o detentor da capacidade de reinventar os meios para atender às crescentes necessidades da sociedade e proporcionar grandes transformações tanto econômicas como sociais e até mesmo ambientais.

Entre esse grupo transformador, existe uma parcela invisível que, quase sempre é responsável pelo sustento de sua família imediata, filhos adultos, netos e pais. Por exemplo: nossa entrevistada B, moradora da Cidade Patriarca, Zona Leste de São Paulo, tem 35 anos e sustenta 5 irmãos mais os pais exclusivamente com a renda proveniente de sua confeitaria. Ela se vê sim como uma empreendedora de muito potencial, e em sua percepção, sua comunidade também a vê assim.

No dia 19 de novembro é comemorado o Dia Internacional do Empreendedorismo Feminino. Segundo o senso comum e a difusão do termo “empreender”, o

..... Artigo

empreendedorismo gera oportunidades para as mulheres e reduz as diferenças entre homens e mulheres quando se fala de crescimento profissional. A data foi estabelecida pela ONU Mulheres, parceira da Organização das Nações Unidas, responsável por defender os direitos humanos femininos. Em 2014, primeiro ano da iniciativa, a data foi comemorada em 153 países.

Segundo dados da Global Entrepreneurship Monitor, só no Brasil já são 30 milhões de mulheres que empreendem. De acordo com os dados da Rede Mulher Empreendedora, só em 2020 o crescimento foi de 40%. Mas o que essa data significa exatamente? Empreender no Brasil não é fácil, e muitas dessas mulheres ainda precisam conciliar o empreendedorismo com a maternidade. “A minha maior dificuldade é a questão de tempo, pois preciso me dividir em mil.

Não saber ou não poder delegar funções para que o meu negócio cresça, também dificulta muito”, disse Thayane Machado, empreendedora, estudante de jornalismo, gerenciadora de redes, mãe e esposa. Esse depoimento foi dado por uma empreendedora por não apenas por necessidade, mas também por oportunidade, que resolveu tomar as rédeas de seu negócio após a maternidade, e hoje se reconhece e sente que é reconhecida como uma empreendedora:” Thayane Machado tem 28 anos e é mãe da pequena Cecília, que tem 2 anos. Thayane sempre sonhou com a própria loja, até que resolveu tornar o sonho realidade e criou a @usemodernista.

“Eu sempre sonhei em trabalhar com algo relacionado a moda. Principalmente quando fiz o curso em produção de moda. Mas depois que me tornei mãe esse sonho reavivou diante de uma necessidade. Sentia que precisava fazer algo por mim e pela minha filha. Aí decidi lançar a modernista”, afirma a empreendedora. Thayane considera ao Dia da Mulher Empreendedora importante para evidenciar a mulher atual, que não busca apenas independência financeira, mas mostrar que a mulher pode estar à frente de um negócio de sucesso, mudando não só a vida dela, como das pessoas que estão ao seu lado. *“A gente empreende não só por necessidade. A gente empreende para mostrar ao mercado que mesmo diante de tudo que uma mulher passa nessa sociedade machista, quando a gente faz, faz ainda melhor”,* afirma. Thayane também conta com dois privilégios muito poderosos: é uma mulher branca, de classe média alta e conta com uma poderosa rede de apoio: *“Não é fácil, sem uma rede de apoio eu não conseguiria e mesmo*

..... Artigo

com a rede de apoio, nem sempre consigo fazer tudo que o preciso fazer. Eu agradeço a minha rede de apoio, pois sem ela eu não teria feito tudo o que fiz e que faço. É uma questão de quem vai poder te ajudar a correr atrás do seu sonho”, falou Thayane.

Porém, esse não é o foco deste estudo. Aqui, queremos dar voz e enaltecer as mulheres pretas, pardas e periféricas que foram levadas ao empreendimento pela necessidade e insegurança, financeira e alimentar, que muitas vezes nem se enxergam como pessoas, quanto mais como empreendedoras. Essas mulheres inclusive se assustam diante da palavra “empreendedoras”

É o caso de nossa entrevistada C. Parda, casada com um homem negro e mãe de 3 crianças negras. Professora pós-graduada da rede estadual de ensino, desde os 10 anos de idade sustenta sua família. Sua história começou com a venda de picolés para comprar um filtro de barro para sua casa, quando ainda morava em Cidade Tiradentes, extremo leste de São Paulo.

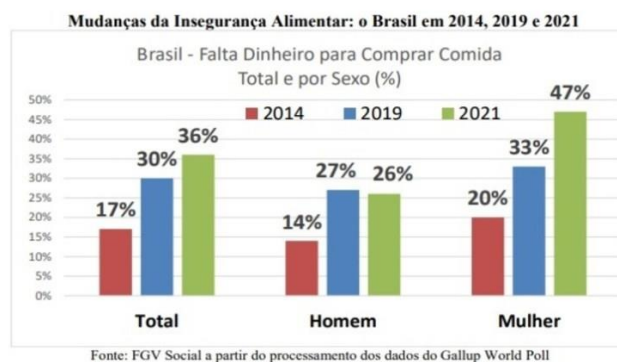
Em uma situação rara entre nossas entrevistadas, é uma mulher altamente educada intelectualmente. Hoje, moradora de um condomínio confortável em Itaquera com seu marido e 3 filhos, é responsável por 50% da renda de sua família. Desse percentual, entre 10 e 13% vêm de seu empreendedorismo na área de vendas de joias e semi-joias.

Ela segue ajudando no sustento de sua mãe e de uma parte de sua família. Além das joias, faz cabelos e unhas, principalmente das vizinhas e amigas mais próximas. Apesar disso tudo, não se considera uma empreendedora de fato *“A minha fonte principal de renda é ser professora. Tenho esse meu trabalho alternativo, mas não me considero uma empreendedora, e não acho que minha comunidade me veja assim. Ainda temos uma vida difícil, apesar de ter uma renda bastante razoável, mas todo mês tem aquela preocupação de estar devendo no cartão, no cheque especial. Nunca, em nenhum momento, passamos por uma situação de fome, insegura familiar, medo de ficar sem moradia, mas são muitas outras preocupações. Em relação ao empreendedorismo, eu acredito que devem melhorar as coisas no nosso país. Acredito que o acesso a programas de financiamento e incentivo, vai voltar a ser melhor, né? Tanto para minha família como as famílias e demais brasileiros, então acredito que vai melhorar.”*

4.1 A Feminilização da Fome

Estudos anteriores à pandemia de Covid-19 mostram que, no Brasil, a insegurança alimentar moderada ou grave era mais prevalente em domicílios de baixa renda, em áreas rurais, nos quais a pessoa de referência é uma mulher com baixa escolaridade e cor autorreferida negra (parda ou preta). Além disso, a alimentação é historicamente uma responsabilidade relegada em grande parte às mulheres, graças à rígida hierarquia patriarcal que definiu os tradicionais papéis de gênero e sua desigual divisão de trabalho, principalmente do trabalho doméstico.

Figura 1: Mudanças da Insegurança Alimentar: O Brasil em 2014, 2019 e 2021



Fonte: FGV Social, a partir de dados processados do Gallup World Poll, 2021.

Esse fator nos faz analisar ainda mais profundamente as nuances não só de gênero, mas também de raça e cor. Como bem colocado pela presidente do Instituto da Mulher Negra - Geledés, Maria Sílvia, historicamente as mulheres negras são as que primeiro perdem seus direitos em tempos de crise e com a pandemia não foi diferente (Agência Câmara de Notícias, 2021): “É preciso destacar a forma desproporcional como esse desemprego impacta homens e mulheres.

Há desproporção desses impactos quando traçamos o quesito raça/cor sobre esses dados. Enquanto o índice para pretos e pardos está na média de 17,8% e 15,4%, respectivamente, a taxa para brancos fica em 10,4%”. Levando-se em consideração essa perspectiva, urge-se ainda mais investigarmos suas perspectivas diante das pandemias, e quais as maneiras encontradas para conseguir garantir seu sustento e de suas famílias.

O ano de 2022 marca o retrocesso da segurança alimentar no Brasil ao mesmo patamar de fome de quase 30 anos atrás. Atualmente, 33 milhões de pessoas passam fome

Artigo

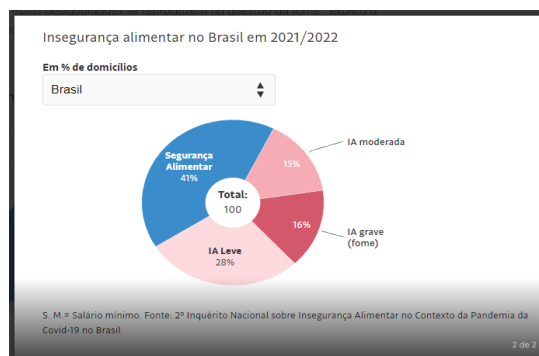
no país, segundo resultado de uma nova pesquisa sobre o tema divulgada nesta quarta. Em 1993, eram 32 milhões de pessoas nessa situação, segundo dados semelhantes do Ipea —a população brasileira então era 35% menor que a de hoje.

“Temos desigualdades históricas do país que nunca foram resolvidas: rural e urbana, homem e mulher, brancos e negros. E essas desigualdades se reproduzem na questão da fome”, explica a médica sanitária Ana Maria Segall, professora aposentada da Unicamp e pesquisadora da Rede Penssan¹. “É como se 41% da população estivesse protegida das crises econômica e política que já vinham se arrastando nos últimos ano e do impacto da pandemia da Covid a partir de 2020”, analisa Segall. “Por outro lado, quase 60% dos brasileiros vivem numa situação de instabilidade que é muito afetada tanto pela crise quanto pela pandemia, que pegou essa população já numa condição desfavorável.” (<https://www.geledes.org.br> - 33 milhões de pessoas passam fome no Brasil atualmente, aponta pesquisa.

Segurança alimentar é a situação em que há acesso pleno e estável a alimentos em qualidade e quantidade adequados. A médica destaca que entre 2004 e 2013 houve um incremento “ *muito significativo* ” no acesso das famílias a alimentos. Já a insegurança é dividida em três categorias: leve, moderada e grave, conforme podemos analisar no gráfico abaixo:

¹A pesquisa da Rede Penssan foi baseada em entrevistas realizadas em 12.745 domicílios de áreas urbanas e rurais de 577 municípios dos 26 estados e do Distrito Federal. Trata-se de uma parceria das organizações Ação da Cidadania, ActionAid Brasil, Fundação Friedrich Ebert Brasil, Ibirapitanga, Oxfam Brasil e Sesc.

Figura 3 – Mapa da Insegurança Alimentar no Brasil - 2021/ 2022



Fonte: Instituto Geledés, 2021.

..... Artigo

Para Francisco Menezes, consultor da ONG internacional ActionAid e ex-presidente do Consea, três das principais causas do aumento da fome no país são o empobrecimento da população, o desmonte de políticas sociais e de abastecimento, e a crise climática. “Tivemos uma elevação muito forte do desemprego e um processo de precarização do trabalho com o crescimento da informalidade.

Soma-se à perda de renda a inflação dos alimentos, que desde 2020 não arrefece, e atinge itens básicos como arroz, feijão e óleo de soja, além do gás e dos combustíveis”, aponta ele, para quem uma política de estoques de alimentos, abandonada pelo governo, é crucial num momento desfavorável.

Ele critica o modelo de acesso a benefícios de transferência de renda, que requer acesso à internet e a um computador ou celular. “Extrema pobreza e aplicativo não são coisas que combinem”.

O 2º Inquérito Nacional sobre Segurança Alimentar aponta que o maior percentual de pessoas em insegurança grave ou fome era entre quem solicitou, mas não recebeu o auxílio emergencial aprovado pelo Congresso para o primeiro ano da pandemia, seguido pelo grupo de quem sequer conseguiu solicitar o benefício.

O levantamento mostra que há fome em 13,5% dos domicílios em que residem apenas adultos, enquanto entre as casas com três ou mais crianças ou jovens de até 18 anos o percentual sobe para 25,7%. O dado é especialmente preocupante porque aponta para danos futuros. Estudos sugerem que o impacto da fome entre crianças e adolescentes tem efeitos deletérios imediatos na saúde e no bem-estar, com potencial comprometimento das potencialidades desses indivíduos. Isso é o que mais mexe com Suelen Medeiros, 29, que mora com os quatro filhos na periferia sul da cidade de São Paulo.

Desempregada e sem receber pensão do pai de seus filhos, ela conta que chega a ficar dias sem comer para privilegiar as refeições das crianças, que têm entre 2 e 12 anos. “Eu aguento sentir fome, eles, não”, lamentam. “Mas fico tão ansiosa por causa das crianças que até perco a fome”, diz ela, que recebe uma cesta básica de doação mensalmente, mas que nem sempre é suficiente. “É muito difícil. Toda vez que meus filhos não têm o que comer, meu mundo desaba. Não ter condições de dar nem um pão de manhã a eles acaba comigo”, afirma ela. “Não vejo a hora de arranjar um trabalho”.

..... Artigo

Isso pode ser corroborado por nossa Entrevistada E. Aos 58 anos, mora de favor no quintal da família com mais 3 irmãos. Responsável pelo sustento de um neto de 4 anos e de um filho de 30 que é dependente químico, chegou a um ponto em que a falta de emprego turbinada por preconceitos de todos os tipos (é uma mulher negra, lésbica, masculinizada e com mais de 50 anos, sofrendo com o etarismo além de tudo) trouxe a insegurança alimentar e a fome.

Moradora do Jardim Pantanal, abriu um negócio de fabricação e venda de salgados a preços muito populares. Com uma renda de pouco mais de um salário-mínimo, ela diz o seguinte *“O desespero bate muito forte. Se eu não vendo, meu neto não come, e infelizmente não posso contar para a família. Muitas vezes durmo com fome para que ele coma, tenha o mínimo de dignidade, além de ter a preocupação de manter tudo trancado para que meu filho não troque o pouco alimento que temos por crack ou cocaína. Não fui beneficiada pelo Auxílio Emergencial, pois segundo o governo não me encaixava nos critérios. Assim que a pandemia começou, fui mandada embora. Trabalha em uma mansão em Higienópolis, e como cuidadora e cozinheira para uma madame. Trabalhei lá por 10 anos, e nunca fui registrada. Consegui uma indenização de pouco mais de R\$ 6.000,00, por isso conseguimos passar confortavelmente até pela pandemia. Perto da nossa renda hoje, né? Mas com ‘a volta à normalidade’, as vendas têm melhorado muito, e meu sonho agora é aumentar meu ponto, pois trabalhar em um cubículo é muito difícil.”*

Com base em uma pesquisa qualitativa realizada pela Fundação Perseu Abramo mostra que para a maioria das pessoas o intitulado “empreendedorismo” é, na verdade, uma luta desesperada diária pela sobrevivência, muitas vezes passando longe do empreendedorismo social e mais do mito de “liberdade” e de “trajetória de sucesso”.

O estudo, realizado ao longo do segundo semestre de 2018, revisitou 16 anos de trajetória laboral de 31 trabalhadores e trabalhadoras de diferentes regiões do Brasil. Esse levantamento realizado pela Fundação Perseu Abramo também identificou os impactos das novas tecnologias na vida dessas pessoas, o surgimento de novas formas de associativismo em alguns desses setores e o aprofundamento da solidão em outros.

Essa tendência de maior esforço e menores resultados deve se ampliar a partir da chamada reforma trabalhista, que institucionalizou a precarização do trabalho, legalizando e legitimando essas relações, e tornou-se ainda mais opressiva com a reforma

..... Artigo

da Previdência consolidada pelo atual governo é vista por analistas como um estímulo à informalidade.

A proposta de reforma previdenciária do atual governo aprofundou o desestímulo à participação no sistema, uma vez que prevê forte aumento no tempo de contribuição e redução no valor das aposentadorias e pensões. Léa Marques, socióloga e consultora do projeto Reconexão Periferias da Fundação Perseu Abramo, comentou na ocasião da pesquisa:

“São os moradores das periferias os sujeitos protagonistas dessa forma de trabalho em que tem que se virar pra (sic.) sobreviver, à sua própria sorte ou azar. Acho que um dos pontos centrais que a pesquisa revela é que sob o discurso do novo empreendedorismo individual o que se verifica é o antigo padrão de trabalho informal, com jornadas de trabalho longuíssimas, mais de 10h por dia, péssimas condições de trabalho, especialmente quanto à saúde e riscos de vida a que esses trabalhadores se expõem, e sem nenhum direito trabalhista”. (Léa Marques - Fundação Perseu Abramo - Nas dobas da Precariedade) Levando-se em consideração os novos dados obtidos, podemos deduzir o quanto essa situação agravou-se nos cenários pandêmico e pós pandêmico para os moradores periféricos, em especial para as mulheres pretas e pardas que compõem esse grupo.

Portanto, para avançar a pesquisa sobre empreendimento feminino no contexto das economias periféricas, este trabalho visa investigar a jornada das mulheres empreendedoras enquanto lutam contra os desafios dessas economias, especialmente as mulheres pretas. Antes, porém, faremos uma contextualização sobre os temas abordados nesse estudo.

Dois mil e vinte seria um bom ano para a costureira Raimunda de Jesus Vieira Feitosa, de 62 anos. Após pouco mais de duas décadas no ofício, Jesus (como prefere ser chamada) finalmente havia comprado a casa própria em Valparaíso de Goiás (GO). Era também quando ela completaria dez anos fazendo os figurinos de teatro de uma escola de Brasília. As encomendas de cerca de 250 peças eram trabalho certo, quase como um emprego, e durante muito tempo garantiram o sustento da família com seis filhos, que ela criou sozinha.

..... Artigo

Mas, em março, a pandemia de Covid-19 chegou como uma rasteira e causou um verdadeiro efeito dominó nos planos de Jesus: com a escola fechada, acabou também a garantia de trabalho; e o medo de infecção pelo vírus a fez evitar, pelo menos no início, qualquer tipo de contato com os poucos clientes que precisavam de seus serviços. “Tudo que guardei, a pandemia veio e levou”, lamenta. “Foi muito frustrante, porque sempre fui muito ativa. Mas fiquei com medo de sair, de trabalhar, não podia divulgar o que eu fazia, porque se algum cliente quisesse ver, eu não poderia mostrar.

Durante minha vida toda, nunca tinha passado por uma situação como agora.” *O aumento da insegurança alimentar entre os 20% mais pobres no Brasil durante a pandemia foi de 22 pontos percentuais, saindo de 53% em 2019 chegando a 75% em 2021. Já os 20% mais ricos, experimentaram queda de insegurança alimentar de três pontos percentuais (indo de 10% para 7%).*

Quarenta e sete por cento das mulheres brasileiras vivem sem saber se vão poder comprar comida no dia seguinte. Sim, quase metade das pessoas do sexo feminino não tiveram dinheiro para fazer supermercado no período da crise econômica agravado pela pandemia do coronavírus, em 2021. E, para piorar: é difícil imaginar que a situação esteja melhorando esse ano. Esses números fazem parte de um levantamento feito pelo Centro de Políticas Sociais da FGV Social, que analisou os números do instituto Gallup World Poll, que faz pesquisas em 160 países.

Na pesquisa sobre a fome, eles fizeram essa pergunta básica para pessoas de todos esses países: "nas últimas 12 horas você teve que deixar de comprar comida por falta de dinheiro?" No caso do Brasil, 36% das pessoas responderam que sim (26% dos homens e 47% das mulheres, olha a discrepância). No caso das mulheres, não é difícil se lembrar de razões que fazem com que a "insegurança alimentar", um termo técnico para "não saber se vai conseguir comer ou alimentar seus filhos " seja muito maior do que entre os homens.

Mulheres, quando têm emprego, ganham 70% do salário dos homens no geral. E ocupam mais empregos informais que os homens (o que fez com que muitas ficassem sem trabalho durante a fase mais grave da pandemia.). Mas nem tudo é culpa da pandemia. Algumas das razões são antigas e estruturais: 47,8% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres. Isso significa que elas são inteiramente responsáveis por botar comida na

..... Artigo

mesa, além de pagar aluguel, comprar material de colégio para os filhos etc. Em muitos casos, elas são a única fonte de renda de famílias com crianças pequenas. Esse número é ainda maior nas periferias do país. Motivo? Um deles é que os homens vão embora, ou não pagam pensão.

Como diz Emicida na música “Levanta e Anda”: *“A mãe assume e o pai some, de costume. No máximo é um sobrenome”*. Essas mães, para piorar, na maioria das vezes têm trabalhos informais, sem carteira assinada, e ficaram sem trabalho durante a pandemia. E agora, com o fim do lockdown, as coisas não estão melhorando.

Pelo contrário: imagina ter que sustentar sozinha três crianças no momento? Mesmo mulheres de classe média privilegiadas como eu são capazes de imaginar o quanto isso é difícil. Imagina uma mãe que sustenta quatro pessoas com um salário-mínimo? Segundo levantamento do IBGE, no geral, os alimentos no Brasil ficaram 15% mais caros do ano passado até agora. Mas o que vemos no dia a dia nos supermercados é ainda pior. Alguns legumes, como a cenoura, por exemplo, teve uma alta de 195% em um ano.

A batata, por exemplo, que sempre foi um alimento básico na mesa das famílias brasileiras, teve um aumento de 38,68%. O preço médio do litro de leite, por exemplo, subiu de R \$4,29 no ano passado para R \$7,25, segundo levantamento da empresa de inteligência de mercado Heros.

Como colocar comida na mesa para as crianças? E como essa mulher consegue dormir com uma notícia dessas? Além de todos os obstáculos encontrados no que diz respeito à infraestrutura, falta de saneamento básico, atendimento básico de saúde, elas ainda têm uma saúde mental destruída pela angústia, culpa e preocupação.

A partir daí, o que lhes resta é criar maneiras de gerar renda para satisfazer as necessidades mínimas de sua família e daqueles que vivem com ela, muitas vezes incluindo pais, irmão, filhos, netos; boa parte desempregada.

Observa-se uma diferenciação entre gêneros nesse quesito, visto que durante a pandemia os homens ficam relativamente estáveis na insegurança alimentar e entre as mulheres subiu de 33% para 47%. Como resultado, a diferença entre gêneros da insegurança alimentar em 2021 é 6 vezes maior no Brasil do que na média global (<https://agroemdia.com.br/2022/06/02/brasil-tem-numero-recorde-de-pessoas-passando-fome-mulheres-sofrem-mais/>)

..... Artigo

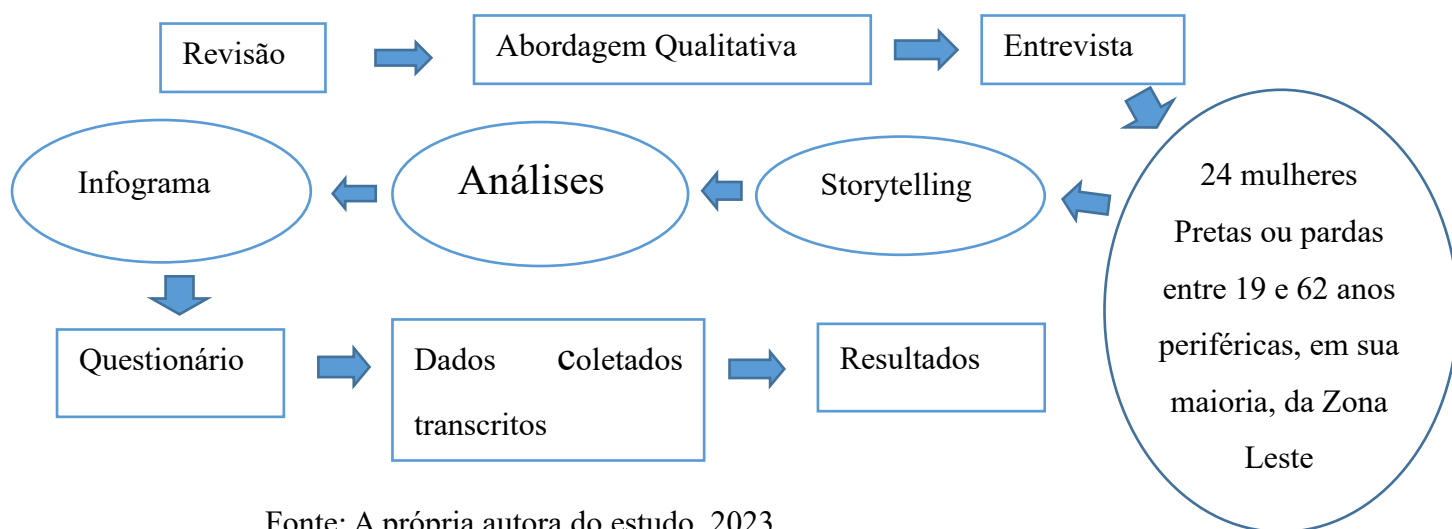
Qual é a compreensão do conceito de Empreendedorismo entre Mulheres Empreendedoras Pretas e Pardas da Periferia da cidade de São Paulo – SP, Brasil?

A aplicação de pesquisas qualitativas permitiu uma análise mais aprofundada do assunto, sendo que os métodos se convergem ou complementam em diversos momentos. Os dados empíricos trazem a validação da veracidade das informações apresentadas em primeiro momento.

O método qualitativo tipo básico (GODOI e BALSINI, 1995) foi utilizado na coleta de dados semiestruturada (Roteiro Semiestruturado, FLORES, 1984), com amostragem intencional e seguindo o modelo de entrevistas *snowball*, com profundo levantamento bibliográfico a fim de pautar as perguntas que seriam feitas posteriormente. Nesse momento, foram usadas pesquisas atuais e pertinentes às atualizações do mercado, com temas e problemáticas atuais e presentes de fato na vida de nossas entrevistadas.

Em seguida, houve o levantamento de dados e a validação dos argumentos e teses antes levantadas através destas pesquisas bibliográficas. As entrevistadas responderam às perguntas oralmente, através do aplicativo *WhatsApp*, bem como pessoalmente e por chamada de vídeo. Nosso escopo incluiu mulheres negras e pardas, que muitas vezes começaram a empreender por necessidade e hoje participam ativamente da renda familiar, quando não acabam por ser responsáveis por sua totalidade.

Figura 2 – A Metodologia de Trabalho usada no Desenvolvimento do Estudo



Fonte: A própria autora do estudo, 2023.

Artigo

7. Discussões Sobre o Tema

- *“Nunca pensei em mim como empreendedora ou empresária até sobrarem (sic) R\$ 50,00 no fim do mês”*
- *“Depois de passar por muitas situações de preconceitos raciais e de gênero, assédio sexual, moral, tive que começar a me virar, ou ia começar a passar fome”*
- *“Apesar de 35% da nossa renda vir das minhas sobancelhas (sic), meu marido exige que primeiro eu ‘faça minhas obrigações da casa para depois ‘brincar’ de maquiagem”*
- *“A mulher preta, principalmente aquela é mãe, é movida por necessidades que somente quem está exatamente neste lugar entenderá”*
- *“Passei por uma entrevista com 2 mulheres brancas ao mesmo tempo. Para nenhuma delas foi perguntado se tinham filhos e quem cuidaria deles se eu ficasse doente. Não sou mãe e tenho duas faculdades.”*
- *“Sempre fui diminuída por ser uma mulher preta e lésbica, apesar de empreender e me manter sozinha desde os 16 anos. Moro no Jardim Ângela, sou casada com outra mulher preta, mas ainda não somos reconhecidas. Nossos negócios prosperaram, apesar de serem em áreas bem diferentes. Tenho 24 anos de idade, e emprego 4 funcionárias, todas pretas, todas da comunidade. Parei de trabalhar com homens porque cansei de me sentir desrespeitada e diminuída.”*
- *Tenho um filho de 4 anos. O pai dele tem mais 2 filhos, porém, depois que nos separamos, meu filho deixou de ser prioridade. Ele tem uma renda de aproximadamente R\$ 15.000,00, um negócio próprio, mas me levou à Justiça para baixar a pensão de 2,5 salários para 1 salário. Ser mãe e empreendedora nesse país é muito difícil, pois nosso filho vira a prioridade em nossa vida, e nunca será igual para o pai.*

Nas tabelas a seguir, podemos observar como nossas entrevistadas se envolveram em nosso projeto e a importância que viram nesse estudo.

Artigo

Objetos de Estudo	Raça/ Cor	Idade	Renda Familiar	Tem filhos	Mora Sozinha	Quem é a principal fonte de sustento da família
Entrevistada A	Preta	34 anos	2 salários mínimos	S	N	Marido/ Companheiro
Entrevistada B	Parda	34 anos	1,5 salário mínimo	S	N	Marido/ Companheiro
Entrevistada C	Parda	34 anos	10 salários mínimos	S	N	Eu e meu marido/ companheiro
Entrevistada D	Preta	55 anos	1 salário mínimo	S	N	Eu e minha esposa
Entrevistada E	Preta	58 anos	4 salários mínimos	S	N	Eu mesma
Entrevistada F	Preta	76 anos	2 salários mínimos	N	N	Eu mesma
Entrevistada G	N declarada	30 anos	1,5 salário mínimo	N	S	Eu mesma
Entrevistada H	Parda	26 anos	3 salários mínimos	S	S	Eu e minha companheira
Entrevistada I	Parda	44 anos	2 salários mínimos	S	S	Eu mesma
Entrevistada J	Parda	19 anos	5 salários mínimos	N	N	Marido/ Companheiro
Entrevistada L	Preta	22 anos	3 salários mínimos	S	N	Eu e minha esposa
Entrevistada M	Preta	24 anos	1 salário mínimo	N	N	Eu e meu marido/ companheiro
Entrevistada N	Preta	28 anos	4 salários mínimos	N	N	Eu e meu marido/ companheiro
Entrevistada O	Preta	50 anos	3 salários mínimos	S	S	Marido/ Companheiro
Entrevistada P	Preta	60 anos	1,5 salário mínimo	S	S	Eu e meu marido/ companheiro
Entrevistada Q	Parda	30 anos	1 salário mínimo	S	S	Eu mesma
Entrevistada R	Preta	32 anos	1 salário mínimo	S	N	Eu e minha companheira
Entrevistada S	Parda	20 anos	2 salários mínimos	N	S	Marido/ Companheiro
Entrevistada T	N declarada	21 anos	1,5 salário mínimo	N	N	Eu mesma

Objetos de Estudo	Para você, sua comunidade como uma a vê		Você se sente respeitada por funcionários ou fornecedores	
	Você se vê como uma empreendedora	como uma empreendedora	Sente que sua raça ou gênero prejudica seu empreendimento	homens
Entrevistada A	N	N	N	S
Entrevistada B	S	N	N	S
Entrevistada C	N	N	N	S
Entrevistada D	S	N	S	S
Entrevistada E	N	S	S	S
Entrevistada F	N	S	S	N
Entrevistada G	N	N	S	N
Entrevistada H	S	S	S	S
Entrevistada I	S	S	N	S
Entrevistada J	S	N	N	N
Entrevistada L	S	N	N	S
Entrevistada M	S	N	N	N
Entrevistada N	N	S	N	N
Entrevistada O	N	N	N	N
Entrevistada P	N	N	S	S
Entrevistada Q	N	S	S	S

Resultados e Conclusão

A partir desse estudo e das observações das tabelas, podemos observar a força, a resiliência e a criatividade dessas mulheres analisadas. Vemos o quanto é difícil empreender no Brasil, e como às vezes beira o impossível quando falamos de mulheres pretas, pardas e periféricas. Paradoxalmente, boa parte dessas mulheres não conseguem se ver como as empreendedoras capazes e fortes que são, ou sentir esse mesmo respeito da comunidade ao redor.

A pandemia de COVID – 19 definitivamente foi um marco negativo dessas mulheres, ao mesmo tempo em que as impulsionou e as tornou mais resilientes e protagonistas de suas histórias.

Dito isso, entendemos o quanto os privilégios detidos principalmente por homens brancos, que vão desde o conceito ilusório do empreendedorismo de auditório até o “aborto em vida” de seus filhos e o abandona de suas famílias tornam distante o conceito

Artigo

de empreendedorismo da realidade massiva de milhões de mulheres que todos os dias saem de suas casas para que suas famílias possam no mínimo ter o que comer.

Mulheres essas que acabam invisibilizadas como empreendedoras e com pouco ou nenhum reconhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autores, V. (s.d.). **Gender & Covid-19**. Disponível em: <https://www.genderandcovid-19.org/project-page/>.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 1ª ed.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. **Organização: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 1ª ed.

CARVALHO, P. Auxílio Brasil não é capaz de resolver o problema da fome. **Portal Catarinas**, 07 jun. 2022. Disponível em: <https://catarinas.info/colunas/auxilio-brasil-nao-e-capaz-de-resolver-o-problema-da-fome/>.

COSTA, A. d.; GRIGOLI, D. d.; FERREIRA, L.; BARCELLOS, T. **Nas dobras da precariedade: desigualdades regionais, de gênero, raça e classe no trabalho “por conta própria” no Brasil - um olhar para a PNAD Contínua**. 30 jun. 2021.

ROSCA, E.; AGARWAL, N.; BREM, A. **Women entrepreneurs as agents of change: A comparative analysis of social entrepreneurship processes in emerging markets**. *Technological Forecasting and Social Change*, ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2020.120067>.

GONÇALVES, N. A.; FORMIGONI, A.; STETTINER, C. F.; OKANO, M. T. **Stakeholders' perception of collaborative stores in the city of São Paulo**. Disponível em: <https://doi.org/10.12712/rpca.v16i1.50294>.

SCHALL, B.; GONÇALVES, F. R.; VALENTE, P. A.; PIMENTA, M. R. **Gênero e insegurança alimentar na pandemia de COVID-19 no Brasil: a fome na voz das mulheres**. 11 nov. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022711.07502022>.

IIZUKA, E. S.; COSTA, H. S. **Negócios inclusivos liderados por mulheres empreendedoras: busca por avanços teóricos e empíricos**. São Paulo: Centro Universitário FEI, 22 mar. 2022.

KIN, R. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. s.d.

..... Artigo

LEMOS, N. **Feminização da fome: 47% das mulheres sofrem com falta de comida no Brasil.** UNIVERSA, 27 jun. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/nina-lemos/2022/05/27/feminizacao-da-fome-47-das-mulheres-sofrem-com-falta-de-comida-no-brasil.htm>.

LIRA, N. **Empreendedorismo feminino: a força e a luta da mulher empreendedora.** 19 nov. 2021. Disponível em: <https://www.anf.org.br/empreendedorismo-feminino-a-forca-e-a-luta-da-mulher-empreendedora/>.

MARASCIULO, M. Como (e por que) a pandemia afetou de forma desproporcional as mulheres. **Revista Galileu**, mar. 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2021/03/como-e-por-que-pandemia-afetou-de-forma-desproporcional-mulheres.html>.

NJAGI, N. W.; WAMBUGU, T. W.; ONYANGO, D. O. *Challenges faced by women entrepreneurs in their efforts towards poverty reduction in Mukuru Kwa Njenga; Embakasi East Constituency, Nairobi, Kenya.* **Developing Country Studies**, v. 9, n. 6, 2019. Disponível em: www.iiste.org. ISSN 2224-607X (Paper) ISSN 2225-0565 (Online).

REDACAO, D. **“Olha Elaaa” empreendedorismo feminino de impacto.** 6 maio 2022. Disponível em: <https://www.anf.org.br/>.

STEPień-BAIG, J. K. *Climbing the poverty ladder: the role of entrepreneurship and gender in alleviating poverty in transition economies.* **Entrepreneurship and Regional Development**, ago. 2019.

Submetido em: 2023-10-24

Aceito em: 2023-10-26

Revista Ponto-e-Vírgula, São

Paulo, V.1 e-ISSN: 1982-

Programa de Pós-Graduação em Ciências

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.1 e-ISSN:

1982-

Programa de Pós-Graduação em Ciências

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>